

Razão e Experiência: uma introdução metafilosófica ao pensamento especulativo de Alfred N. Whitehead

Otávio Maciel

Resumo: Este artigo se propõe a fazer uma breve introdução à filosofia especulativa de Alfred N. Whitehead centrada na leitura e apresentação do primeiro capítulo da primeira parte de sua mais importante obra, *Processo e Realidade* (1929). Prepararemos esta leitura com uma breve exposição acerca dos projetos que este monumental livro envolve, apresentando as partes e os principais objetivos de cada uma. Mostraremos como o projeto geral já pode ser apresentado, ainda que numa abordagem introdutória, no seu sofisticado conceito de filosofia especulativa, que não lida com divagações despropositadas, mas com um cuidadoso exercício de experimentalmente enquadrar um sistema coerente e lógico com aplicações e adaptações empíricas. Em suma, é uma abordagem metafilosófica sobre como se fazer filosofia, seus limites, recomendações e responsabilidades renovadas numa reanimação da metafísica e da especulação que jamais perde de vista a natureza concreta. Finalizaremos com um conceito de filosofia que pode ser instaurado a partir do que for aqui apresentado.

Palavras-Chave: Alfred N. Whitehead (1861-1947). Filosofia do processo. Metafísica cosmológica. Filosofia da natureza. Filosofia da linguagem.

Abstract: This paper aims at a brief introduction to Alfred N. Whitehead's speculative philosophy centred at a reading and a presentation of the first chapter of the first part of his most important oeuvre, *Process and Reality* (1929). We shall prepare for this reading with a brief exposition of the projects that involve this monumental book, presenting its parts and main objectives of each one. We shall present how the general project can be identified, even as a preliminary analysis, at his sophisticated concept of speculative philosophy, which does not deal in aimless divagations, but with a careful exercise of experimentally frame a coherent and logical system with empirical applications and adaptations. In summation, it is a metaphilosophical approach on how to do philosophy, its limits, its recommendations and renewed responsibilities at a reanimation of metaphysics and speculation that never loses sight of concrete nature. We shall conclude this paper with a concept of philosophy that might be instaurated from the discussion here presented.

Keywords: Alfred N. Whitehead (1861-1947). Process philosophy. Cosmological metaphysics. Philosophy of Nature. Philosophy of language.

Introdução

A ideia deste artigo apareceu durante o *I Encontro do Seminário Permanente de Filosofia Contemporânea (SP-FilC)*, um grupo de pesquisa e

estudos¹ que fundei com o colega Luan Miguel Araújo (Luan Fene) na Universidade de Brasília em março de 2017. À época, para introduzir os alunos e colaboradores à filosofia do organismo de Whitehead, preparei uma apresentação intitulada “Razão e Experiência: Introdução à Metafísica de Alfred N. Whitehead em sua obra *Processo e Realidade*”, então com apenas 10 páginas. No entanto, o resultado foi muito positivo, despertando o interesse de nosso pequeno grupo e abrindo portas para novas conexões. Agora, com a oportunidade de revisar e ampliar, disponibilizo uma versão mais elaborada.

Este artigo está dividido em quatro partes. Primeiramente vamos apresentar brevemente a vida e obra de Alfred N. Whitehead para mitigar o fato de ele não ser um autor tão conhecido ainda em nosso país. Abordaremos alguns tópicos de sua biografia e faremos uma sucinta apresentação de fases de seu pensamento e as obras a elas associadas. Na próxima parte apresentaremos as correntes filosóficas que influenciaram Whitehead, em especial para a redação do *Processo e Realidade*, o livro no qual nos centraremos hoje. Nesta parte também veremos a estrutura desta obra, suas divisões e alguns assuntos principais de cada uma. Em seguida chegamos na parte principal, com 7 seções sobre diversos tópicos abordados no *Prefácio* e no capítulo “Filosofia Especulativa”, o primeiro da referida obra. Finalizando esta parte, apresentaremos o conceito whiteheadiano de filosofia e adicionando algumas observações a ele. Ao final do artigo, concluiremos com uma breve comparação com duas filosofias recentes que se apresentam como ‘especulativas’ em um sentido ou em outro, mostrando a notável proficuidade de correntes teóricas que bebem da fonte de Whitehead.

II – Vida e Obra

Embora ainda pouco conhecido no Brasil, as diversas correntes teóricas associadas ao filósofo britânico Alfred N. Whitehead têm começado a receber bastante atenção na contemporaneidade. Pensadores e pensadoras na filosofia, sociologia, ecologia, teologia, ciências naturais, economia, informática e nas artes têm cada vez mais encontrado em seu complexo corpo filosófico, geralmente referido como “filosofia do processo”, saídas muito atrativas em relação ao aparente marasmo da ortodoxia filosófica. Suas teorias bastante originais acerca da teologia e da natureza são os carros-chefes das entrâncias de sua filosofia em

¹ O SP-FilC começou a se reunir em torno de nossas heterodoxas discussões acerca da história da filosofia em relação ao que é comumente feito nos departamentos de filosofia. Logo, conectamos com as discussões de metafísica, ontologia e natureza promovidas por nosso professor Hilan Bensusan em seu grupo Anarchai. Tanto nosso SP-FilC quanto o Anarchai têm laços e interlocuções com o GT de Ontologias Contemporâneas da ANPOF, com o grupo MaterialismoS, com o Grupo de Estudos Husserl da UnB e com a recém-formada rede de pesquisa de whiteheadianos e aliados na América Latina. Esta rede foi fundada na conclusão da *XII International Whitehead Conference*, um evento da International Process Network, cuja realização em agosto deste ano e 2019 foi em nossa Universidade de Brasília.

pensamentos dos últimos anos. Entre a filosofia da religião, a chamada teologia processual é associada a grandes nomes, como Charles Hartshorne e John Cobb Jr., e dominou os estudos whiteheadianos por bastante tempo. Recentemente, especialmente graças aos trabalhos de pensadores como Isabelle Stengers, Didier Debaise, Bruno Latour e Steven Shaviro, a cosmologia metafísica de Whitehead tem entrado em cena cada vez mais nos estudos das ontologias contemporâneas sobre a filosofia da natureza. No presente artigo vamos ainda por uma outra via, a da metafilosofia. Buscaremos mostrar como a filosofia especulativa de Whitehead pode se apresentar como um poderoso candidato a método metafísico estável, pois é constituída em uma série de decisões e arquiteturas que não se contentam em reafirmar o antropocentrismo, a supremacia da matemática e da lógica, ou a alienação da filosofia em relação ao mundo concreto e às outras áreas do conhecimento.

Nascido em 1861, na cidade de Ramsgate, na Inglaterra, Whitehead inicialmente se dedica à matemática e à física. Se torna professor no Trinity College da Universidade de Cambridge, onde ficará até 1910. Seus primeiros escritos amplamente reconhecidos desta fase são o *Tratado sobre a Álgebra Universal* (1898) e os *Axiomas da Geometria Descritiva* (1907). Findado este período, muda-se para Londres, onde vai trabalhar até 1924. Nesta época dois acontecimentos interessantes ocorrem. Com seu ex-aluno Bertrand Russell, Whitehead publica os três volumes do *Principia Mathematica* entre 1910 e 1913, obra universalmente aclamada como uma das mais importantes contribuições de todos os tempos para a filosofia da matemática e da lógica. No entanto, apesar de seus trabalhos em matemática aplicada e física mecânica, Whitehead cada vez mais se distanciava da visão cientificista ortodoxa de sua época, centrada no dualismo mente-corpo, na visão mecanicista da natureza, e na redução das ciências à matemática/lógica. Assim, o segundo acontecimento é o progressivo avanço de Whitehead em direção à metafísica e à filosofia da ciência, e o crescente desinteresse pelo velho projeto logicista que culminará em seu eventual abandono, em prol de uma complexa e sofisticada cosmologia que acomodasse tanto Platão, quanto Newton, quanto Einstein.

Seu primeiro grande trabalho majoritariamente filosófico virá nas Turner Lectures de 1919, compiladas sob o nome *O Conceito de Natureza* (CN) e publicadas em forma de livro no ano seguinte. A originalidade filosófica radical deste livro foi bem recebida por diversos autores, filósofos e físicos em especial, por sua proposta de uma superação do problema da bifurcação da natureza e pelo início do projeto da geometria livre de pontos. Chegou a propor uma teoria da

relatividade independente àquela de Albert Einstein que, embora tenha tido dificuldades empíricas, não foi descartada em suas implicações metafísicas e na filosofia da ciência.

Apesar deste giro metafísico em seu pensamento já estar em operação, ele só será realmente efetivado após 1924, quando Whitehead aceita o convite para ser professor de filosofia na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Além do *Processo e Realidade* (1929), do qual falaremos mais no restante deste artigo, são desta fase de seu pensamento outras importantes obras: *Ciência e o Mundo Moderno* (1925), *Religion in the Making* (1926), *As Metas da Educação* (1929), *Aventuras das Ideias* (1933) e o *Modos de Pensamento* (1938). Se aposenta de Harvard em 1937, e falece em 1947. Até 2017, acreditava-se que ele não havia deixado *Nachlass* devido ao fato de sua família ter supostamente descartado os trabalhos não publicados. No entanto, Brian G. Henning e George R. Lucas Jr., membros do Whitehead Research Project do Center for Process Studies, encontraram manuscritos não publicados que estão sendo organizados, planejando uma edição crítica a ser lançada nos próximos anos².

III – Sobre a obra 'Processo e Realidade'

III.1 - Influências no pensamento de Whitehead

Sua principal obra filosófica é o texto *Processo e Realidade* (PR)³, organizado a partir das Gifford Lectures que ele ministrou na Universidade de Edimburgo entre 1927 e 1928. A primeira edição, lançada em 1929, tinha diversos problemas gráficos e editoriais, e aparentemente Whitehead não tinha tanto interesse em corrigir. A edição corrigida foi lançada pelo Center for Process Studies, organizada por David Ray Griffin e Donald W. Sherburne apenas em 1978. Estes editores escreveram um prefácio para esta nova edição justificando a sua necessidade. A cabeça de Whitehead estava, à época, provavelmente focada na confecção das próximas obras, que se apresentam de maneira bem organizada, sistemática e fechada. O *Processo e Realidade* apresenta um esquema metafísico extremamente complexo. Não há uma porta de entrada clara, pois a própria estrutura da obra parece pressupor conceitos que só aparecerão em capítulos ou sessões posteriores. Conceitos aparentemente simples são tomados de forma até mesmo

² Estas informações bibliográficas de Whitehead podem ser encontradas com muito mais detalhes na biografia em dois volumes escrita por Victor Lowe (1985 e 1990), mas as informações certamente serão atualizadas, e até mesmo revistas e ampliadas, depois da publicação da prometida edição crítica que Lucas Jr. e Henning estão trabalhando no momento.

³ As traduções que utilizarei neste artigo são de minha autoria, mas indico na lista bibliográfica que há a tradução para o português de Portugal feita pela professora Maria Teresa Teixeira de Lisboa.

contraintuitiva, o que adiciona mais dificuldades a esta obra. Os editores originais no fim dos anos 1920, evidentemente também com dificuldades de compreender o texto, fizeram modificações na estrutura para tentar torná-lo mais inteligível, o que acabou comprometendo o sentido de diversas passagens. Não obstante estes desastres editoriais do começo, os editores de 1978 finalmente conseguiram entregar um trabalho corrigido, revisado e com as devidas recuperações.

Apesar das dificuldades editoriais, o *Processo e Realidade* apresenta uma fascinante filosofia. Acreditamos que sua complexidade não é apenas fruto de conceitos e noções novas, mas de uma heterodoxa releitura da tradição filosófica. Platão, Aristóteles, Descartes e, especialmente, Locke, são personagens da tradição que são frequentes heróis em sua filosofia, mas por motivos bem diferentes dos comuns. Sua vocação filosófica pode ser expressa pelo projeto de mostrar que a contemporânea física quântica e a relatividade não são absolutamente desconexas de uma metafísica cosmológica complexa, tal como a encontrada no *Timeu*, de Platão. Falaremos agora um pouco sobre algumas dessas influências. Algumas delas são evidentes quando o autor elogia estes quatro pensadores que mencionamos diversas vezes. Algumas delas, Whitehead não menciona tanto, mas em seu *Essays in Science and Philosophy* (1974), apresenta certas filosofias que o influenciaram num ensaio intitulado '*Process and Reality*', que era uma espécie de memorando escrito em 1936 acerca desta obra de alguns anos antes.

Sua admiração por Platão é bem conhecida, especialmente em uma de suas mais conhecidas frases de efeito: "A mais segura generalização da tradição filosófica europeia é que ela consiste numa série de notas de rodapé à filosofia de Platão" (1978, p. 39). Ele saúda a contribuição do professor Alfred Edward Taylor por ter fornecido à sua filosofia várias intuições sobre a cosmologia platônica que marcadamente inspiraram neste livro. Whitehead menciona a obra⁴ do professor Taylor que comenta detalhadamente o *Timeu*, apesar de notar com pesar que tal obra só foi publicada depois que o *PR* estava finalizado. Além deste diálogo, o *Sofista* também sempre reaparece como uma influência notável em sua teoria dos objetos eternos. No entanto, sua verve aristotélica, e até mesmo da lógica e metafísica dos estoicos, se fazem presentes por toda sua obra, especialmente no princípio ontológico. Este princípio, a XVIII Categoria de Explicação, afirma que "apenas as entidades atuais são as únicas razões, ou seja, procurar uma razão é procurar por uma ou mais entidades atuais" (1978, p. 24). Esta atitude se conecta bastante com a metafísica *in re* de Aristóteles, bem como o corporealismo estoico –

⁴ TAYLOR, Alfred Edward. *A Commentary on Plato's Timaeus*. Oxford: Clarendon Press, 1928

as abstrações emergem da concretude das entidades atuais, e não o contrário, como talvez gostaria um platonista mais ortodoxo.

Entre os modernos, sua ênfase será dada em tópicos geralmente negligenciados pelo pensamento pós-Hume, por exemplo, na concepção de *res vera* em René Descartes e na metafísica dos poderes de Locke. Em verdade, a importância de Locke não pode ser subestimada, pois logo no prefácio do *PR* ele afirma: “o escritor que mais inteiramente antecipou as principais posições da filosofia do organismo é John Locke em seu *Ensaio*, especialmente em seus livros finais” (1978, p. xi). Ainda que inauditamente, a presença da monadologia de Leibniz é marcante, tais como trabalhados por Hilan Bensusan e Jadson Alves em seu recente livro *A Diáspora da Agência – Ensaio sobre o Horizonte das Monadologias* (2018). No mencionado ensaio ‘Process and Reality’, no entanto, ele nominalmente remete todas as “fases modernas da matemática ou da lógica matemática”, incluindo os diversos matemáticos que ele elenca, ao “grande Leibniz” (1974, p. 127).

Whitehead afirma que não teve tanto contato com Hegel diretamente, mas comenta sua relação muito próxima com o Idealismo Britânico, especialmente seus amigos John M.E. McTaggart⁵ e Francis Bradley⁶, que aparecem às vezes como adversários, às vezes como fontes de inspiração. Bradley, especialmente, é citado diversas vezes no *PR*, onde Whitehead praticamente sempre nota discordâncias que, no final, parecem bastante próximos nos resultados. Em verdade, ele afirma que seu pensamento não pode negar que realmente parece ser uma transformação das principais doutrinas do idealismo em uma filosofia de bases realistas (1978, p. xii). A cosmologia de Whitehead poderá lembrar a um admirador do idealismo alemão algo de Schelling. Particularmente, seu conceito de *Unbedingt* como um absoluto não-racional (mas não “irracional”) parece ser um bom indicativo para compreensão da Categoria do Último de Whitehead, que é a Criatividade. Influenciado também pelos idealistas, mas já no giro realista no começo dos anos 1920, é Samuel Alexander (1859-1938), filósofo australiano que trabalhou conceitos de tempo, espaço, estratificação da realidade, matéria e divindade de uma forma bastante original e que também inspirou Whitehead.

⁵ John M. E. McTaggart (1866-1925) foi uma das principais figuras do Idealismo Britânico. Produziu diversos comentários filosóficos sobre o pensamento de Hegel, em especial sobre a *Dialética* (1896), a *Cosmologia* (1901) e a *Lógica* (1910). No entanto, seu surpreendente ensaio “*The Unreality of Time*”, de 1908, talvez seja o que mais é citado entre os idealistas britânicos nos últimos anos.

⁶ Francis Herbert Bradley (1846-1924) também foi um dos principais expoentes do Idealismo Britânico. Embora influenciado pelos alemães, Bradley tentou constituir um monismo filosófico coerente e sistemático original. Apresentou diversas críticas ao empirismo britânico, ao utilitarismo e ao fundacionalismo em epistemologia. Seu trabalho *Aparência e Realidade* (1893) é considerado um dos mais influentes de todo o idealismo britânico – especialmente também por mais tarde ter se tornado um dos alvos favoritos da nascente filosofia analítica de G.E. Moore e Bertrand Russell.

Além dos idealistas e seus aliados, há a presença marcante de Henri Bergson, em particular seus conceitos de intuição, de vida, de evolução, de canalização, de espacialização e de *durée*, cruciais para Whitehead. A relação entre os dois autores era relativamente próxima, apesar da distância. Bergson e Whitehead trocavam obras e correspondências com grande apreço mútuo. A proximidade de Bergson com temas da filosofia da vida e no estudo dos organismos e da evolução criadora talvez tenha inspirado Whitehead a nomear sua própria cosmologia de “filosofia do organismo”. Em termos conceituais, a ideia bergsoniana desenvolvida em *Matéria e Memória*, de que a percepção é primariamente orientada para o pragmático, para o cotidiano, para a eficácia no mundo, influenciará bastante Whitehead, como veremos no §5 da próxima seção.

Dos pragmáticos americanos, a presença de Charles Sanders Peirce não era tão conhecida por Whitehead, mas William James e John Dewey são diretamente elogiados como importantes influências. Jaime Nubiola nota que Peirce antecipou diversas teses da filosofia do processo, fato que surpreendeu Whitehead tardiamente quando este veio a conhecer seu trabalho. Nubiola cita como Peirce também veementemente criticava a bifurcação da natureza, a dura divisão moderna entre mente x mundo, ou sujeito x objeto, ou ainda humanos x natureza, e afirma que os dois filósofos apresentam sistemas muito bem sucedidos em sair da prisão “dentro do círculo de nossas próprias ideias” em direção a uma filosofia realista⁷. Já James é um personagem bem citado no *PR*, e seu empirismo radical pode ser uma das mais importantes inspirações para o panexperencialismo de Whitehead⁸. Dewey, por sua vez, é um grande aliado teórico nas vocações pedagógicas e de filosofias sobre suas políticas educacionais.

III.2 – Estrutura da Obra

A obra *Processo e Realidade* é dividida em cinco partes, cada uma delas em diversos capítulos com várias seções. A Parte I é intitulada “O Esquema Especulativo”, onde somos apresentados à sua própria visão do que é fazer filosofia (o objetivo de nossa próxima seção) e ao seu complexo esquema categoreal. São quarenta e cinco categorias individuais, divididas em quatro grandes grupos: categoria do último, categorias da existência, categorias de explicação e obrigações categoriais. Interessantemente, sua categoria do último não é uma divindade ou uma determinação restritiva, mas a Criatividade. Whitehead afirma:

⁷ Nubiola, 2008, pp. 481-87

⁸ Este termo é associado ao filósofo David Ray Griffin (que cunhou o termo) e ao teólogo processual Charles Hartshorne. Ambos o utilizam para diferenciar do pampsiquismo, visto que em Whitehead, todas as coisas são centros ou “gotas de experiência”, sem necessariamente envolverem “almas”, humanas ou afins. Esta expressão de Whitehead é uma clara referência às “gotas de percepção”, de um trecho que ele cita da obra *Some Problems of Philosophy* (1916), de William James.

'Criatividade' é o universal dos universais caracterizando a mais última matéria-de-fato. É por tal princípio último pelo qual o múltiplo, que é o universo disjuntivamente, se torna uma ocasião atual, que é o universo conjuntamente. Está na natureza das coisas que o múltiplo entre numa unidade complexa. 'Criatividade' é o princípio da novidade. Uma ocasião atual é uma entidade nova diferente de qualquer outra entidade do múltiplo que ela unifica. Assim, 'criatividade' introduz novidade no conteúdo do múltiplo, que é o universo disjuntivamente. O 'avanço criativo' é a aplicação deste princípio último da criatividade a cada nova situação que ela origina (1978, p. 21).

Há oito categorias da existência. Aqui, nos limitaremos em as enunciar, pois não há espaço para um detalhamento. As entidades atuais são as realidades finais, as *res verae* da filosofia cartesiana⁹, são do que o mundo real é feito. No oposto, vemos os objetos eternos, considerados potenciais puros ou formas de definitude. Sua definição é "qualquer entidade cujo reconhecimento conceitual não envolva uma referência necessária a qualquer entidade atual definida no mundo temporal é chamada de 'objeto eterno'" (1978, p. 44). Preensões, *nexus*, forma subjetiva, proposições, multiplicidades e contrates são entidades que emergem de interações específicas das entidades atuais entre si e com os objetos eternos – mas não redutíveis a eles. A beleza do esquema categorial-existencial de Whitehead é que cada uma das oito categorias têm um universo próprio, interesses próprios, formas de inserção, de associação e de desconexão próprias. Em especial, o nexu que tem ordem social, e que pode ser pensado como operando a ideia de interno/externo, propus que ele pode ser trabalhado como um objeto social¹⁰ para fins de manejo e análise, reduzindo complexidade desta parte do esquema.

Acerca das vinte e sete categorias de explicação, mencionaremos os três princípios. O Princípio da Relatividade afirma que "pertence à natureza de um 'ser' que ele é um potencial para todo 'devir'"¹¹. O Princípio do Processo afirma que o "como uma entidade atual devém constitui o que uma entidade atual é (...). O seu 'ser' é constituído por seu 'devir'"¹². Mencionamos o princípio ontológico anteriormente, mas gostaria de acrescentar que Whitehead reforça o papel da metafísica de Locke, creditando a ele a expressão "constituição real interna" das coisas, que é ao que este princípio se refere¹³. Propus, no artigo mencionado na nota 10, que os dois primeiros princípios podem ser pensados como coordenados em direção ao princípio ontológico: "o processo entra na ontologia devido à sua

⁹ Whitehead menciona que deve este entendimento em especial ao professor Étienne Gilson da Sorbonne. Ele não menciona qual livro em específico, mas Gilson lançou em 1925 uma obra intitulada 'René Descartes. Discours de la méthode, texte et commentaire', que pode ser o que Whitehead teve acesso.

¹⁰ Para mais referências, cf. meu artigo "A Case for the Primacy of the Ontological Principle" (Maciel, 2019), onde apresento e fundamento esta tese em uma conexão com a ontologia orientada a objetos de Graham Harman, a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, e a análise categorial de Nicolai Hartmann.

¹¹ Whitehead, 1978, p. 22

¹² Whitehead, 1978, p. 23

¹³ Whitehead, 1978, p. 24-5

meta subjetiva em direção à satisfação; e [o ontológico] pode ser empregado como “sujeito-matéria” para outros [processos] na relatividade por ser uma entidade já satisfeita”¹⁴. Cada uma destas palavras é um termo técnico, mas que por enquanto pelo menos dá a dica da centralidade do princípio ontológico.

Finalmente, das nove obrigações categoriais, gostaria de ressaltar a nona, intitulada “Categoria de Liberdade e Determinação”: “a concrecência de cada entidade atual individual é internamente determinada e externamente livre”¹⁵. Vejam como a determinação interna (processual e ontológica) combina com a relatividade do emprego do sujeito-matéria em outros processos e outras ontologias, deixando sempre um livre espaço para a criatividade e a emergência da novidade. Após terminar a apresentação de seu esquema categoreal, Whitehead brevemente apresenta algumas noções derivadas, como apetição, importância, imortalidade objetiva, analogias e conjecturas.

A Parte II é bastante extensa. Aqui, Whitehead apresenta suas teorias sobre o Fato e a Forma, sobre o Contínuo Extenso, a Ordem da Natureza, suas teorias sobre organismos e sociedades. É aqui também que aparece a parte mais histórica de seu trabalho, com um longo e cuidadoso relato sobre Descartes e Locke como os grandes autores da filosofia moderna, e denunciando os perigos que David Hume trouxe para a modernidade. Sua incompreensão sobre a ideia de percepção e de causalidade levou Hume a propagar desorientações problemáticas para a filosofia subsequente. Para Whitehead, o que já era problemático apenas piora, discordando de praticamente todos os movimentos que Kant introduz, os classificando como a pior solução possível às desorientações humeanas para a filosofia. Logo em seguida, apresenta sua própria teoria da causalidade e da percepção, conectando no fim com suas teorias sobre a linguagem e processo.

As Partes III e IV são complementares. Naquela, há a Teoria das Preensões, que envolve os sentires, suas transmissões e as fases superiores da experiência – um relato genético do mundo, do próprio devir interno das entidades atuais em geral em direção à sua satisfação e fruição como seres no mundo. Nesta, há a Teoria da Extensão, onde aquilo que estava em gênese finalmente vem ao mundo como uma coisa real concrecida, que pode ser estudada morfológicamente (*vis-à-vis*, em suas partes constitutivas). É também na Parte IV que Whitehead completa o projeto da geometria livre de pontos que ele havia começado no livro *O Conceito de Natureza*, em 1919. Embora esta geometria tenha aplicações na mereotopologia, Whitehead a emprega para estudar não a espacialização

¹⁴ Maciel, 2019, p. 334, colchetes meus

¹⁵ Whitehead, 1978, p. 27

geométrica ordinária, mas sim como uma maneira formal de estudar os *eventos*. A Parte V, intitulada “Interpretação Final”, apresenta elementos de sua teologia processual, onde Deus e a Natureza são apresentados com co-dependentes e co-criadores: a presença de Deus como uma das entidades atuais, cuja função é preender objetos eternos, serve de possibilidade para as preensões conceituais e físicas de todas as outras entidades atuais. Estas, por sua vez, mantêm a importância de Deus condescendo os potenciais que ele preende como elementos importantes na introdução da novidade. Além disso, Whitehead pensa Deus como um acidente da Criatividade: algo precisa ser de certa forma retido para permitir a emergência da novidade em outros casos concretos no mundo¹⁶.

Obviamente, o que tivemos aqui é um resumo bem superficial e sumário. No entanto, toda a metafísica de Whitehead carrega consigo um espírito de permanente inovação, renovação e experimentação. É sobre este espírito incansável de sempre criar, testar, revisar e expandir que gostaria de conversar com o leitor agora.

IV – Filosofia Especulativa e Metafísica Experimental: Implicações metafísicas

§1 O desafio de instaurar uma filosofia especulativa.

Acredito que as abordagens teológicas e cosmológicas de Whitehead são perfeitamente plausíveis e interessantes em seus próprios ramos. No entanto, a ausência de uma apreciação mais assídua de seu imenso potencial metafísico, e até mesmo metametafísico, deve ser remediada. Abordaremos algumas diretrizes do prefácio e o primeiro capítulo da primeira parte para que os leitores consigam ter algum contato inaugural com esta fascinante filosofia.

Por quê escrever um livro tão complexo? Whitehead apresenta no Prefácio do *Processo e Realidade* nove “mitos”, ou nove “procedimentos falaciosos” cuja influência na filosofia ele repudia e deseja combater¹⁷:

- (i) A desconfiança contra a filosofia especulativa;
- (ii) A confiança na linguagem como expressão adequada das proposições;
- (iii) O modo do pensamento filosófico que compreende e que está compreendido na psicologia das faculdades;
- (iv) A forma de expressão sujeito-predicação;
- (v) A doutrina sensacionista da percepção;
- (vi) A doutrina da atualidade vácuca;

¹⁶ Para mais informações, cf. Whitehead, 1978, 342 e ss.; Maciel, 2019, p. 340 e ss.

¹⁷ A lista aparece em Whitehead, 1978, p. xiii

- (vii) A doutrina kantiana do mundo objetivo como um construto teórico de uma experiência puramente subjetiva;
- (viii) Deduções arbitrárias em argumentos *ex absurdo*;
- (ix) A crença de que inconsistências lógicas podem indicar alguma outra coisa além de alguns erros antecedentes.

Whitehead acha que esta lista chega apenas na filosofia do século XIX, mas se prestarmos atenção, praticamente toda a tradição filosófica está sob cheque – até mesmo muitas daquelas depois de sua morte em 1947. A (i) desconfiança contra a especulação e a metafísica, que já era um mote desde os primórdios do positivismo, se transforma em dogma filosófico depois do Círculo de Viena e nas enfadonhas reedições da suposta ‘morte da metafísica’ por diversos autores diferentes. Acerca de (ii), o século XX talvez foi o século no qual os filósofos mais ficaram obcecados pelo endeusamento da linguagem, seja para reduzir tudo a ela, ou reduzir a linguagem a tudo que pode ser experienciado. O (iii) já não era tão forte depois do surgimento da filosofia da mente com uma disciplina própria, mais próxima das neurociências do que com a “psicologia das faculdades”, o que, na verdade, traz novos problemas para a filosofia vindas da tal epistemologia naturalizada. O (iv) é um problema marcante não do século XIX, mas desde a escolástica, quando a predicação aristotélica é decretada vencedora sobre os diálogos platônicos e sobre a aloiose estoica. O (v) é um problema especificamente humeano, que não conseguiu, na visão de Whitehead com a qual concordamos, entender muito bem a causalidade por uma incompreensão de preceitos básicos acerca da percepção. O (vi) é uma marcação de posição agora similar a Aristóteles e suas poderosas investidas contra a ideia de vazio, de algo que simplesmente não tem relação com nada de forma alguma (ou, que a origem do indivíduo ou da mente seria uma coisa absolutamente separada do restante do mundo). O mito (vii) é o mais direto ataque às soluções kantianas que Whitehead decididamente rejeita, já que um realismo filosófico não se contenta em achar que o mundo é apenas um construto teórico, muito menos da cabeça do sujeito ou de sua intersubjetividade humana. O mito (viii) é autoexplicativo, e conecta-se ao (ix) que confunde ontologia e lógica, em nossa leitura. Esta confusão advém do projeto moderno de acreditar que o mundo tem uma estrutura lógico-linguística, e que se há algo de errado na aplicação de nossa teoria é porque há algo de errado no mundo. Whitehead contesta isso, afastando a filosofia de suas antigas inspirações matemáticas ou nesta obsessão logicista: inconsistências lógicas dizem respeito apenas à teoria, mas o mundo não é redutível a nenhuma teoria.

Para resolver estes mitos, Whitehead apresenta o esquema geral de sua obra, que é estabelecer, valendo-se de seu método entre análise e especulação, uma metafísica que consiga combinar a especialização das ciências modernas (em

particular Galileu, Newton e Einstein) com uma tradição cosmológica inspirada nas cosmologias gregas antigas, em especial a do *Timeu*, de Platão. Ele espera conseguir quatro grandes resultados com sua orientação filosófica. Primeiramente, busca suplementar o movimento crítico com um esforço mais contínuo de pensamento construtivo, tendo em vista que a crítica de aspectos desconexos já cumpriram sua função. Com o filósofo Hilan Bensusan, podemos dizer algo similar como exemplo, de que o giro linguístico, na verdade, foi de 360°, e agora já podemos voltar a fazer filosofia novamente. Segundo, devemos conceber um esquema de ideias e partirmos para a experimentação filosófica sem hesitações, ainda que abertos à mudança. Em terceiro lugar, Whitehead mostra a relação amistosa entre a filosofia e os pensamentos construtivos. Em particular, a ciência e suas diversas especializações se apresentam sempre dominadas por esquemas metafísicos inauditos, que ela não questiona. Isso não é obrigatoriamente ruim, mas deve sempre ser aberta à filosofia, que poderá mostrar que tais esquemas de ideias podem ser criticados e melhorados. Por fim, Whitehead nos lembra que mesmo sendo complexo, tal exercício é pequeno e imperfeito diante da natureza das coisas, portanto é bem experimental. “Nas discussões filosóficas, a menor sugestão de certezas dogmáticas como a última coisa possível de ser dita não passa de uma exibição da tolice”¹⁸.

§2 Condições da Filosofia Especulativa.

O tópico que nos centraremos agora é o conceito de Whitehead de filosofia especulativa, da forma que aparece no *PR* como um método produtivo de importantes conhecimentos. “A filosofia especulativa é o esforço de moldar um sistema coerente, lógico e necessário de ideias gerais nos termos dos quais todos os elementos de nossa experiência possam ser interpretados” (1978, p. 3). Em seguida, esclarece os termos que utilizou. “Interpretação” significa que tudo aquilo de que somos conscientes são um instante particular no esquema geral. Isso se aplica a coisas fruídas, percebidas, desejadas, pensadas etc., e não apenas na interpretação de textos ou na análise proposicional de argumentos. Isso qualifica o sistema filosófico que ele quer apresentar, visto que tal sistema deverá ser não apenas coerente e lógico, mas também aplicável e adequado quanto à interpretação. Por “aplicável”, ele esclarece que há itens da experiência que são interpretáveis; e por “adequado” ele afirma que não há itens da experiência que sejam inescapáveis de tal interpretação. Vemos que a filosofia especulativa de Whitehead se nega em ser apenas uma divagação aleatória ou meramente produzir enunciados negativos sobre o mundo. Retornaremos a este ponto na conclusão.

¹⁸ Os quatro grandes resultados e a citação estão em Whitehead, 1978, p. xiv.

A lógica, afirma Whitehead, aqui tem o seu sentido ordinário de ausência de contradições, definição de construtos em termos lógicos gerais, inferências lógicas, notações e assim sucessivamente. No entanto, a coerência tem um papel mais interessante, visto que cada ideia fundamental do esquema filosófico é desprovida de significado se tomada em isolamento. Uma pressupõe a outra de maneira orgânica, funcional. "Este requisito não quer dizer que as ideias se possam definir relativamente umas às outras, mas antes que o que não pode se definir dentro de uma noção deste gênero não pode ser abstraído da sua relevância para outras noções" (2010, p. 26). Há, aqui, um primado da **semântica funcional**¹⁹, ou "pragmática", ou "de aplicação", que pode operar uma conexão com a teoria das interpretações essencialistas da obra de Saul Kripke, onde nem mesmo o erro invalida completamente a referência. Significa que a pressuposição não é apenas linguagem formal, mas de significados que envolvem inclusive sentires e afetos. Tem mais a ver com o que as coisas *fazem*, num sentido bem geral, para si e para outras. Como um outro exemplo, podemos pensar na geometria o ponto, que é uma noção que não tem definição perante a reta, mas apesar de sua definição abstrata, conecta-se com outros elementos para formar outras coisas, como retas e planos. As noções fundamentais da filosofia especulativa não podem ser abstraídas umas das outras, e é a tarefa de tal filosofia exhibir a verdade de que não há uma entidade em completa abstração em relação ao sistema do universo. O caráter da pertinência é a sua **coerência**.

A filosofia especulativa de Whitehead tem um lado racional (lógica e coerência) e um lado empírico (aplicação e adequação), que serão mais tarde apresentados nos dois grandes heróis modernos de sua filosofia: Descartes e Locke. Importante ressaltar que não são lados opostos. Ambos são constitutivos da filosofia especulativa. Whitehead acredita que isso fica evidente no seu termo "adequado", visto que a adequação é justamente que não há elementos que não sejam capazes de interpretação, e conectam a coerência e a lógica com a aplicabilidade concreta de alguma coisa. Notemos com clareza, é aplicabilidade a alguma coisa, e não apenas ao que foi exposto pelo sistema. Ou seja, a aplicabilidade precisa gerar o que gosto de chamar de **abstração eficiente**, que seja reempregável, reutilizável, que mantenha a "mesma textura" em relação à "experiência observada". A garantia de universalidade ou da "necessidade" está na

¹⁹ Durante a escrita deste artigo, verifiquei que tal expressão tinha um uso fora do que estou propondo, que é a conexão heterodoxa entre Whitehead e Kripke que estou insinuando. A utilização da funcionalidade semântica geralmente aparece em obras de programação computacional, e não é exatamente o ponto que estou querendo defender. Também aparece na obra *Functional Semantics: A Theory of Meaning, Structure and Tense in English* (1996), de Peter Harder, mas, apesar do nome, a contribuição de Harder está mais próxima da linguística, na análise de tempos verbais, e a estrutura das frases da língua inglesa.

medida em que o sistema comporta em si mesmo essa garantia de universalidade de toda a experiência, desde que nos restrinjamos ao que é imediatamente comunicado como matéria-de-fato²⁰.

Os filósofos nunca irão elaborar os primeiros princípios metafísicos devido a inexoráveis defeitos do *insight* e deficiências da linguagem. Mesmo que dilatemos palavras e frases para além do seu uso ordinário para que tentemos estabilizar alguma tecnicidade, nunca serão muito além de metáforas que tacitamente apelam por um salto imaginativo²¹. Isso tem outro lado: não há primeiro princípio “imune” ao *insight*, nem que seja um pequeno lampejo racional, de fruição ou de inferência – ou seja, há sempre algum tipo de experiência possível. A metafísica não está “proibida” de tocar nada.

Para Whitehead, a limitação da linguagem é natural, mas o problema maior está na deficiência da imaginação. Mesmo que o conhecimento que possamos ter do esquema de princípios seja por uma aproximação assintótica, a imaginação tem um papel importante para pensarmos ideais de satisfação que não se reduzem ao indivíduo pesquisador, e até mesmo apontam para a ideia de novos rumos. Esta dificuldade maior está no lado empírico da filosofia. No lado racional, se tiver alguma coerência e lógica, já seria o suficiente – mas a filosofia especulativa não pode ser só racional. Ela tem que lidar com o concreto, com o quotidiano. Em especial, para Whitehead, “a elucidação da experiência imediata é a única justificação para qualquer pensamento, e o ponto de partida para o pensamento é a observação analítica desta experiência” (1978, p. 4). No entanto, nunca somos conscientes de uma análise completa e nítida, visto que geralmente começamos pela diferenciação de coisas simples, por exemplo, *presente* e *ausente* (ibidem). É interessante que este ponto de partida nos remete diretamente ao conceito de ação real de Henri Bergson, que também empregava como sinônimo “eficácia imediata”. A ação real seria a verdadeira origem da percepção (e da filosofia como um todo, como vemos já em Whitehead), pois a consciência não estaria isolada do mundo flutuando em algum domínio obscuro do sujeito, mas sim voltada para a ação real

²⁰ Prefiro manter uma tradução literal, ainda que contraintuitiva, da expressão inglesa ‘*matter of fact*’. Whitehead emprega esta expressão como um conceito bem particular. No livro *Modos de Pensamento* (1938), Whitehead esclarece a matéria-de-fato como uma mera existência, que pode ser real, ficcional, o que quer que seja. Esta noção então aponta para as ideias de “ambiente de existência” e “modos de existência”, e isso é disso que os fatos falam. O conteúdo, o recheio, a “matéria” dos fatos é a matéria-de-fato de algum existente, em algum de seus modos (1938, p. 6-7). Este conceito é incrivelmente ressoante com o de “móveis imutáveis” na obra de Latour, primeiramente em 1998, nota 308, mas depois reformulada e ampliada na Teoria do Ator-Rede (2012, p. 317 e ss.). A imutabilidade não indica absoluto ou relances da eternidade criacionista. Ele nos dá um exemplo simples, o do voto de uma pessoa. O voto de Bruno, suponhamos, para o candidato A, que por exemplo ganha a eleição, será mobilizado por pesquisas de opinião, cientistas políticos, historiadores, apoiadores e detratores do candidato eleito A – mas o voto é o mesmo, o para o candidato A.

²¹ Whitehead, 1978, p. 4.

no mundo, pragmaticamente orientada em seu cotidiano, seu ambiente, sua vizinhança²².

Apesar de linguisticamente *indefiníveis* (no uso do termo pelos filósofos analíticos da “definição”), o mundo nunca estaria totalmente esvaziado de algum esquema de princípios. Uma consequência disso é que o método de sistematização discriminante e detalhada sempre fracassa. No máximo que conseguem fazer, é esquemas de indução do tipo de Francis Bacon – mas não conseguem ir muito longe por apenas relatarem alguma diferença. As vezes vemos um objeto, as vezes não. No entanto, isso não é o suficiente para uma filosofia mais complexa. Um método desses perde o valor da imaginação livre modulada pelos requisitos de coerência e lógica (*ibidem*). Assim, não nos bastará apenas um sistema de um realismo ingênuo ou simples, da descoberta de um princípio totalitário que guia, delimita e finda o sistema racional. Não: precisamos de um realismo complexo, onde a própria pluralidade indeterminada de implicações categoriais poderá contribuir para produzirmos complexidades mais sofisticadas que englobem não apenas a contingência, mas necessidades co-emergentes que consigam estabilizar sistemas filosóficos. Estes devem se apresentar como sempre dispostos a se modificarem e a se reestabilizarem não *a despeito* da contingência, mas *por causa* da contingência na experiência do mundo²³.

§3 Visão Sinóptica do método da generalização imaginativa.

Whitehead propõe, de forma simples ainda, que a filosofia seja um exercício como o voo de um avião. Começa do chão de observações particulares, parte para o ar rarefeito de uma generalização imaginativa, depois aterrissa novamente para novas observações com uma interpretação racional acurada e renovada, com novas possibilidades de adaptação e adequação (1978, p. 5). É o **método da generalização imaginativa**. Este método tem um grande sucesso ao fornecer diferenças que o método da observação simples não tem. Mesmo considerando coisas inconsistentes, ele auxilia na imaginação e na comparação de tópicos de interesse humano, como física, psicologia, fisiologia, estética, linguagens, e todo o restante do armazém da experiência humana (1978, *ibidem*). No entanto, este não é um método aleatório, visto que Whitehead atrela a ele um compromisso com um

²² Bergson, 1999, p. 165. Apesar de parecer um conceito de reflexos do organismo em relação aos estímulos do ambiente, Bergson associará esta ação real ao espírito, e sua concepção particularmente espiritual de matéria que vai englobar tanto a resposta a estímulos quanto a possibilidade de ações virtuais (que envolvem contraste e escolha) e a própria memória. Até mesmo a categoria whiteheadiana de ‘entidades atuais’ parece ressoar com o conceito de “centros de ação real” (Bergson, 1999, p. 28), além da ideia de “gotas de percepção” em James que mencionamos na nota 8.

²³ Aos amigos da teoria dos sistemas, esta frase ressoará bastante em harmonia com uma de minhas favoritas citações de Luhmann: “o conhecimento só é possível *porque* (e não *a pesar de que*) existe fechamento operativo” (2010, p. 103)

processo do conhecimento que envolve coerência, lógica, readaptações, reutilizações etc.:

O sucesso do experimento imaginativo deve sempre ser testado pela aplicabilidade de seus resultados além do *locus* restrito do qual ela originou. (...). A generalização filosófica parcialmente bem-sucedida vai, se derivada da física, encontrar aplicações em campos da experiência além da física. Ela vai iluminar observações naqueles campos remotos para que princípios gerais possam ser discernidos como num processo de ilustração, os quais, faltando a generalização imaginativa, é obscurecida pela sua persistente exemplificação (Whitehead, 1978, p. 5).

Whitehead apelida tal aplicação de “**visão sinóptica**”, que é a primeira condição do método da generalização imaginativa. Uma exemplificação superficial pode ser dada pelo uso de sementes. Se antepassados usassem apenas o método de observação simples, veriam que certas frutas e flores aparecem apenas no subcontinente indiano, e não no restante do mundo. O método produziu uma conclusão válida – mas não complexa. Não obstante à simplicidade, os antepassados conseguiram, por generalização imaginativa, conceber variáveis que não são restritas ao exemplo da realidade de seu contexto, como tipologia de solo, condições climáticas, técnicas de cuidado com o plantio. Agora, frutas como mangas, bananas e limões podem ser cultivadas não apenas no subcontinente indiano, mas também em lugares que exibem coerência e aplicabilidade trazidos a lume pelo método de generalização imaginativa. Este método também produz conclusões válidas, e não apenas isso, produz conclusões complexas sobre a aplicabilidade para além do “*locus* restrito do qual ela se originou”. É de extrema importância mostrar que tal método pode ser empregado por qualquer entidade atual que o conseguir, e não depende de modernos treinamentos botânicos ou agrônômicos para ser efetivo. A concrecência de abstrações eficientes se dá *no* e *por causa* das coisas, não por necessidade de pedigree linguístico, técnico ou superioridade autodeclarada de algum povo, raça, época, profissão ou ideologia.

A segunda condição é a “perseguição inflexível de duas ideias racionalistas, a saber, a **coerência** e a perfeição **lógica**” (1978, p. 6). A parte da lógica é mais ou menos intuitiva, especialmente a ausência de contradição que ele mencionou anteriormente. Ele cita que a matemática cumpriria esta função para as ciências naturais pela “generalização de noções especiais observadas em instantes particulares” (*ibidem*). No entanto, a parte da coerência é a mais privilegiada por Whitehead. Ela envolve a inclusão de elementos óbvios da experiência, e até mesmo do senso comum, no escopo do sistema filosófico a ser construído. Geralmente, quando confrontados pela experiência, sistemas incoerentes respondem com teses arbitrárias, como a dualidade da substância cartesiana ou com a confecção de um correlato universal que supostamente preencheria todas as

lacunas da experiência, como os modos infinitos da mesma substância em Spinoza. Ou, ainda, com algum tipo de metafísica da subjetividade que reduz qualquer experiência possível apenas a algum elemento da (inter)subjetividade dos humanos, seja a luta de classes, o inconsciente, a lógica, a história, a linguagem humana, a mercadoria, o poder, entre outros²⁴.

§4 Aproximações com outros sistemas filosóficos.

Em seguida, Whitehead vai apontar possíveis proximidades de sua filosofia. O esquema de Spinoza até pode ser visto como aliado próximo, mas Whitehead nota que ele já abandonou o esquema sujeito-objeto e também o substância-qualidade, além de que os "modos" não são os modos do mesmo, mas puras atualidades. Ou seja, estudar mais atualidades não aumenta nossa penetração na "realidade última". Whitehead afirma que sua ideia não é explicar esta totalidade, como Spinoza, mas sim como uma única entidade atual envolve outras entidades atuais em seus componentes, explicando a "**solidariedade do mundo**"²⁵.

É interessante notarmos que, ainda que de forma não expressa, Whitehead abandonou a filosofia que se reduz ao paradigma todo-parte. Neste tipo de paradigma, descobrir algo sobre entidades atuais significaria descobrir partes do mundo, então a subsunção do indivíduo à totalidade seria a última categoria ou princípio – paradoxalmente também o seu começo. Justamente pelo princípio ontológico, as razões de uma entidade atual devem ser explicadas com origem nelas mesmas, e não em tais "realidades totais", das quais as entidades atuais seriam meras partes. Gostaria de sugerir uma aproximação com Niklas Luhmann, pensador alemão e admirador da filosofia whiteheadiana. Em sua obra que promove o giro autopoietico em seu pensamento, Luhmann escreve:

Um sistema diferenciado não se compõe mais simplesmente de um determinado número de partes e relações entre partes; ele compõe-se, antes, de uma quantidade mais ou menos grande de diferenças operativamente utilizáveis entre sistema e ambiente, as quais, por distintas linhas de intersecção, reconstroem o sistema total como unidade entre subsistemas e ambientes (Luhmann, 2016, p. 23).

²⁴ Em meu trabalho de 2017 (p. 109 e ss.), associei tal orientação a um correlacionismo radical, que é um exagero arbitrário de uma forma holista de se fazer filosofia. Haveria uma tese radical acerca do "Grande Todo" e a conexão com o individual mediada por qualquer um destes ou outros exemplos de correlação, mas apenas um deles. A conexão é de determinação, de contenção, de exemplificação, de instanciação – ou seja, o indivíduo seria um mero 'produto', e não algo novo ou com fechamento operacional autônomo e autopoietico. Cada seita holista determina algum correlato como o mais original ou o mais concreto em alguma leitura do "Grande Todo", e partem para suas guerras para ver qual será o grande correlato a subsumir os outros sob seu poder. Whitehead tem diversos argumentos contra isso, especialmente na Parte IV, a Teoria da Extensão, onde fica claro que não há um "evento final" que totalize todos os eventos, pois a totalização já implicaria a adição maior ainda de complexidades que gerariam mais complexidades. Para mais informações sobre esta relação entre holismo e correlacionismo, cf. Maciel, 2018.

²⁵ Informações em Whitehead, 1978, p. 7.

Percebam que tanto Whitehead quanto Luhmann substituem o foco numa realidade pré-individual, da qual os indivíduos seriam meros instantes ou exemplos sobredeterminados, por um método de diferenças fundado na diferença sistema/ambiente, ou entidade atual/mundo. Ambos fruem de fechamento operativo, e ambos funcionam no e para o mundo/ambiente, sendo retroalimentados e condicionados por ele, ainda que não determinados em suas estruturas internas que dependem de sua forma subjetiva (Whitehead) / código operacional (Luhmann)²⁶.

Mencionamos anteriormente que a Categoria do Último de Whitehead é a Criatividade, portanto, a produção de novidades que não é totalizada nem totalizável. Ainda se diferenciando de Spinoza, Whitehead acrescenta que a entidade atual "Deus" é apenas um acidente primordial não-temporal da Criatividade, e não a "realidade total" que já criticamos²⁷. Podemos adicionar que sistemas monistas conferem a um plano de pré-indivuação a capacidade de ser a "verdadeira" realidade, o que "está por trás" das coisas, e termos funcionalmente similares. Whitehead contrasta sua filosofia com filosofias monistas, como as de Spinoza ou de Hegel, visto que nestas filosofias, ao "último" ou ao "absoluto" seria conferida uma ilegítima realidade final, eminente, para além daquelas atribuídas a quaisquer um de seus acidentes²⁸. Por não concordar com isso, Whitehead mostra como sua própria filosofia está muito mais próxima da Filosofia Indiana ou da Filosofia Chinesa do que com a dos Europeus ou com a dos povos dos Orientes Próximo e Médio²⁹.

§5 Generalização Descritiva e Matriz Categorical de Coerências.

Agora podemos ressaltar a especialidade de certas teses metafisológicas extraíveis de seu pensamento. Se a Criatividade é o Último, obviamente nenhum sistema filosófico vai esgotar ou exaurir a realidade – o que pode nos trazer a ideia

²⁶ Esta aproximação da filosofia do organismo e da teoria dos sistemas é um mote de meu artigo "A Case for the Primacy of the Ontological Principle". Esta insistência em não tomar caminhos holistas e na ênfase em afirmar que sistemas/entidades atuais são coisas em seu próprio direito (não redutíveis a grandes correlatos ou a outros modos de existência sobredeterminantes como planos de pré-indivuação) é uma tendência que compartilho com ambos os pensadores. Cf. Maciel, 2019

²⁷ Whitehead, 1978, p. 7. Não podemos deixar de passar a oportunidade de comparar novamente com Luhmann, para quem tal "Categoria do Último" poderia ser apresentada na Teoria dos Sistemas como funcionalmente equivalente às operações do binômio conceitual complexidade/contingência.

²⁸ Whitehead, *ibidem*

²⁹ Whitehead, *ibid.* Ele usa expressão "Western Asiatic" para os diferenciar dos povos do subcontinente indiano e do extremo oriente, onde as filosofias indianas e chinesas gozaram de desenvolvimentos filosóficos livres de submissão obrigatória a monoteísmos ou monismos absolutos. Whitehead tem uma complicada relação com as religiões que surgiram desta "Ásia Ocidental", com diversas críticas à apresentação, em sua visão, incorreta, da divindade cristã como um rei cósmico que cria o que quiser, ordena a todos e tudo pode fazer (Cf. Whitehead, 1978, p. 342 e ss.). Talvez seja digno de nota lembrar, para despertar o interesse dos leitores, que a teologia processual de Whitehead também enfatiza o repúdio ao item (vi), que mencionamos na seção anterior – portanto o divino também não poderia ser pensado como "atualidade vácuca", tendo necessariamente de comportar características de toda e qualquer entidade atual, inclusive participar na "solidariedade do mundo" e ser constituído também pelas entidades, e não ser apenas e exclusivamente "criador".

de progresso, de sofisticação, de avanços criativos, de acomodação de variações, etc. Não obstante, não é isso que geralmente podemos perceber, visto que diversas filosofias dos últimos tempos têm se degradingolado em busca de proferir a “palavra final” sobre a “realidade total”. Isso nos leva diretamente ao fato de que os diversos sistemas filosóficos monistas/totalitários são destituídos de importância com o passar do tempo. Esta destituição acontece por que, mais exatamente? Whitehead nos aponta que “o maior erro da filosofia é o exagero. A meta de generalização é legítima, mas a estimativa de seu sucesso é exagerada” (1978, p. 7). A citação em seguida é altamente elucidativa:

Há duas formas principais de exagero. Uma forma é o que eu chamei outrora de **‘falácia da concretude má-allocada’** (*fallacy of misplaced concreteness*). Esta falácia consiste em negligenciar o grau de abstração envolvido quando uma entidade atual é considerada meramente na medida em que ela exemplifica certas categorias do pensamento. Há aspectos das atualidades que são simplesmente ignorados, desde que nós restrinjamos o pensamento a estas categorias. Assim, o sucesso de uma filosofia deverá ser medido pelo seu constante esforço de evitar esta falácia quando o pensamento for restringido dentro de suas categorias (Whitehead, 1978, p. 7-8)

Disso, podemos concluir com Whitehead que uma filosofia será mais ou menos bem-sucedida que a outra de forma comparativa ao ativamente evitar cair na falácia da concretude má-allocada, ou deixar que seus raciocínios validem ou recaiam neste tipo falacioso de pensamento³⁰. Dando prosseguimento, Whitehead afirma que:

A outra forma de exagero consiste na falsa estimativa dos procedimentos lógicos a respeito da certeza e a respeito de suas premissas. A filosofia tem sido assombrada pela desafortunada noção de que seu método é dogmaticamente indicar premissas que são, separadamente, claras, distintas e certas; e então ergueríamos sobre estas premissas um sistema dedutivo de pensamento. Mas a expressão exata das generalidades finais é a **meta** da discussão, e não seu começo. A filosofia tem sido desorientada pelo exemplo da matemática – e mesmo na matemática, a afirmação de princípios lógicos últimos é coberta de dificuldades ainda insuperáveis (Whitehead, 1978, p. 8, *italico meu*).

Importante notar que o cartesianismo, o racionalismo, o idealismo absoluto, o logicismo e um sem-número de filosofias analíticas reproduzem estas estratégias falaciosas e problemáticas, propositalmente ou não. Ademais, uma observação sobre a historiografia da filosofia: a obra que analisamos foi escrita em 1929, e já em 1931 foram publicados os dois teoremas da incompletude de Gödel. Uma das conclusões destes teoremas é que tais dificuldades são, de fato, insuperáveis, portanto Whitehead corretamente antecipou que a filosofia deveria de pronto evitar esta desorientação.

³⁰ Whitehead, 1978, p. 8

Whitehead mostra sua adesão ao que gostaríamos de nomear como o programa de pesquisa das categorias da metafísica. Ele afirma que “a filosofia não vai retomar seu status próprio até que a gradual elaboração de esquemas categoriais, afirmadas de forma definida em cada estágio do progresso, seja reconhecida como seu objetivo apropriado” (1978, p. 8). Em seguida, afirma que as “categorias metafísicas não são assertivas dogmáticas sobre o óbvio. Elas são formulações experimentais das generalidades últimas” (*ibidem*). A este respeito, gostaria de mencionar a incrível obra de Abraham Zvie Bar-On. Em seu texto *The Categories and the Principle of Coherence – Whitehead’s Theory of Categories in Historical Perspective* (1987), o autor recupera os diversos trabalhos sobre as categorias nas obras de Aristóteles, Immanuel Kant, Georg W. F. Hegel, Nicolai Hartmann e o próprio Whitehead. Com a ajuda de Zvie Bar-On, podemos ver como, para Hartmann, não apenas não conhecemos totalmente os objetos (por razões kantianas), mas também não conhecemos plenamente as próprias categorias³¹. Portanto, podemos nomear este modelo de **Preceito Whitehead-Hartmann**, onde há uma dupla limitação numa metafísica complexa que emerge de seu caráter eminentemente experimental não apenas com a experiência quotidiana, mas com a própria experiência racional de confecção de categorias metafísicas e as testar tanto em rarefeitos níveis de abstração quanto em relação à adaptabilidade e adequação.

Whitehead não parece estar muito preocupado com o esquema categorial se adequar às perfeições classicamente perseguidas pela lógica tradicional. Vamos chamar seu esquema categorial de **matriz categorial de coerências**³². Dele, poderemos ter assertivas coerentes e hipóteses mais sofisticadas, complexas e rigorosas, ao que se segue a sua teoria de adequação e adaptabilidade. Este experimento pode ter três conclusões e três ações seguintes. Primeiro caso: a conclusão concorda com os fatos. Resulta-se que os fatos são mais conhecidos com maior adequação e adaptabilidade ao mundo. Segundo caso: há concordância no geral, discordância em detalhes. Aqui, deve-se analisar criticamente tanto a observação dos fatos quanto o esquema e os rever. Terceiro caso: há completo desacordo entre a conclusão e os fatos. Somente aqui que a teoria deverá ser totalmente readaptada ou até mesmo abandonada em termos das suas principais categorias de pensamento³³. É importante mostrar que este exercício não é reservado a algum iniciado na erudição filosófica padronizada, visto que o *insight* de artistas e poetas também contribuem para a elaboração imaginativa de

³¹ Hartmann, 1949, em especial capítulos 2, 7 e 9.

³² Cf. Whitehead, 1978, p. 8-9. Ele menciona a ideia de matriz, mas a expressão que utilizamos é nossa. Para mais informações, cf. Maciel, 2019, especialmente p. 341 e ss.

³³ Cf. as conclusões em Whitehead, 1978, p 9.

esquemas do pensamento como mostras da linguagem civilizada. “Em uma medida ou em outra, o progresso é sempre transcender aquilo que é óbvio” (Whitehead, 1978, p. 9), e talvez os artistas e filósofos (não-padronizados) sejam os que mais conseguem lidar com este tipo de transcendência. Isso nunca deixa de ser uma aventura experimental que pode combinar influências da arte, da matemática, da religião – mas sempre estejamos atentos ao fato de que tais coisas podem ter o efeito desafortunado de subjugar a filosofia a determinações dogmáticas. Esta forma aberta e convidativa de fazer filosofia não rejeita de partida outras formas de pensamento, e mantém uma relação respeitosa até mesmo com percepções e ideias ordinárias: “a principal vantagem ganhada é que a experiência não é interrogada com a paralisante (*benumbing*) repressão do senso comum” (*ibidem*).

Em relação à ciência, particularmente as ciências mais especializadas, elas têm um escopo de estudo diferente do da filosofia. Certas vezes, a generalidade prevalece na física, como nos grandes esquemas cosmológicos dos séculos XVI e XVII, certas vezes prevalece uma especialização muito minuciosa. Já a filosofia é “uma viagem em direção às generalidades mais largas”³⁴. A reivindicação de tais generalidades aparece, na maioria dos casos, quando se faz apelo à matemática, pelo menos desde a permeação da tradição pitagórica entre os platonistas, e destes para a subsequente filosofia. No entanto, Whitehead aponta que o método da matemática é dedução, e o da filosofia é da **generalização descritiva**. Na filosofia, a dedução tem um papel, mas ele é auxiliar no que diz respeito no teste do escopo das generalidades onde a filosofia chegar. É de se notar que agora ele emprega o termo “descritiva” ao invés de “imaginativa”, pois não basta a imaginação, apesar de ela ser crucial. O sucesso da filosofia especulativa reside também na capacidade de descrever, criar novos contextos de adaptação e aplicabilidade, de reestabilizar expectativas, e assim sucessivamente. Portanto, a descrição é uma ferramenta central.

§6 Instrumental Linguístico e suas Limitações.

Todas as ciências precisam conceber, inventar seus instrumentos. O da filosofia é a linguagem. Assim, a filosofia inventa uma linguagem instrumental para trabalhar esta tal generalização *descritiva*. Este é um trabalho árduo, onde não basta enunciar fatos, mas sim se preocupar com uma constante adequação aos fatos do mundo/ambiente. É por isso que apenas a linguagem da literatura ou da ciência não são suficientes, visto que a descrição acurada das largas generalidades é um exercício que a metafísica deverá se especializar³⁵. Para Whitehead, toda

³⁴ Whitehead, 1978, p. 10

³⁵ Whitehead, 1978, p. 11

proposição tem um caráter de generalidade metafísica, intencionalmente ou não, que combina o seu background, entidades e a própria linguagem. Ou seja, não adianta muito a obsessão analítica pela formalização da linguagem, pois em termos de eficiência, a adaptabilidade e a adequabilidade desaparecem³⁶. Fazer uma proposição sobre um fato é dizer algo sobre o mundo onde aquele fato está. Ou seja, ou proposições serão altamente sofisticadas, ou serão sobre certos tipos de ambientes que é o que é demandado para que ela faça sentido. A proposição somente poderá produzir sentido justamente por ser limitada ao ambiente (seja de sofisticação, seja de matérias-de-fato). Isso se aproxima com a ideia das “necessidades contingentes” de Markus Gabriel em resposta crítica aos trabalhos de Quentin Meillassoux³⁷.

No entanto, como já observamos, isso não significa rechaçar, rejeitar ou abandonar o senso comum. Whitehead afirma que a metafísica precisa explicar tanto proposições como “hoje teremos bife à noite” quanto “Sócrates é mortal” (1978, p. 11). Se pensamos a realidade como uma complexidade criativa, tanto elementos concretamente simples quanto elementos bastante abstratos devem poder ser “tocados” pela razão especulativa da metafísica. Este toque é promovido pelas proposições, mas que, novamente, jamais poderão ser reduzidas a uma mera linguagem, menos ainda com a linguagem verbal, e, muito menos ainda, com a linguagem verbal formalizada. Whitehead prossegue de forma bem surpreendente para um ex-logicista:

É simplesmente ingênuo aceitar frases verbais como assertivas adequadas das proposições. A distinção entre frases verbais e proposições completas é uma das razões pelas quais a alternativa rígida de ‘verdadeiro ou falso’ dos lógicos é tão vastamente irrelevante para a busca do conhecimento (Whitehead, 1978, p. 11)

Criticando, antes de seu tempo, uma excessiva confiança na linguagem (que depois tardará a ser uma verdadeira obsessão pela filosofia da linguagem tanto de analíticos como de continentais), Whitehead aponta a seguinte lição da obra *Um Sistema da Lógica*, de Stuart Mill:

³⁶ Whitehead faz uma observação bem interessante, comparando a relação entre ciência e ferramentas. Obviamente a ciência começa com o que havia disponível em termos de ferramentas de trabalho para criar teorias e técnicas para modificar o mundo. No entanto, não apenas o mundo: a ciência, como sistema autopoiético (Luhmann, 1992) promove autorreferencialmente uma evolução também acerca de seu ferramental recursivo, criando novos instrumentos para prever e criar novas teorias. Whitehead faz praticamente a mesma observação, afirmando que a filosofia, a metafísica, usa da linguagem comum, claro, mas “redesenham” a própria linguagem com o avanço de sofisticação interno (Whitehead, 1978, p.11).

³⁷ Gabriel, 2016, p. 86 e ss. Markus Gabriel rebate a ideia da necessidade da contingência absoluta por se tornar um novo tipo de hiperfato que, além de razões metafísicas e lógicas do problema da totalidade, acaba por desprezar a realidade ao invés de ser um tipo de realismo filosófico. Gabriel vai sugerir a noção não da contingência da necessidade, mas sim das *necessidades contingentes*, dentro de campos de sentido. Whitehead de certa maneira antecipa isso, apesar de não se restringir às proposições, mas já sabemos que a ideia de “sentido” se de semântica funcional, no §2, jamais pode ser reduzido à mera linguagem, como parece sugerir Gabriel. Cf. Maciel, 2017, especialmente o Capítulo 3.

Eles [Os Gregos] tinham imensas dificuldades de distinguir entre coisas que sua linguagem confundia, ou em conectar mentalmente coisas que ela distinguia, e praticamente não conseguiam combinar objetos na natureza em nenhuma classe que não fosse aquelas das quais eram feitas por eles pelas frases populares de seu país, ou pelo menos não conseguiam evitar de achar que tais classes eram naturais e todas as outras fossem arbitrarias e artificiais. Consequentemente, a investigação científica entre as escolas gregas de especulação e seus seguidores na idade média não passaram de um peneirar e analisar noções pregadas à linguagem comum. Eles achavam que se determinassem o significado das palavras, eles poderiam se tornar familiarizados com os fatos (Mill, 1868, p. 326, colchetes meus).

Whitehead observa que Mill não havia chegado à fonte deste erro ainda, pois apesar de criticar dogmas acerca da linguagem entre os gregos, Mill acreditava que a linguagem enuncia proposições bem definidas (Whitehead, 1978, p. 12). Diga-se de passagem, diversas filosofias começam com esta mesma assertiva. No entanto, isso não é verdade, visto que a linguagem é dominada por indeterminações, irracionalidades, incompletudes. Uma confiança exagerada na linguagem é também dogmática. Isso se aplica inclusive à linguagem técnica da metafísica, visto que tal discurso também precisa constantemente estar correndo atrás da lógica, da coerência, da adaptabilidade, da adequabilidade. É um ofício inesgotável³⁸, e, exatamente por isso, bastante interessante.

Antes de passarmos para o próximo tópico, acredito que é relevante notar que a realidade da linguagem não corresponde à realidade do mundo – e isso vale tanto para o senso comum quanto para os discursos especializados. Se ambos devem ser tratados com cautela, tanto um como o outro tipo de linguagem pode nos auxiliar na metafísica – mantendo a linha de raciocínio que tivemos até agora de não reprimir o senso comum. No entanto, o descompasso de qualquer linguagem e o restante da realidade também não deve ser levado como único, visto que qualquer ser vai conviver e aprender a fazer distinções, em situações comuns, apenas com o que convive. Portanto, este “defeito do *insight*”, como Whitehead nomeia, é diferente em todos, mas presente para qualquer coisa em alguma medida. A metafísica é tentar se elevar sobre este defeito, buscando formas racionais e empíricas de interpretar a realidade – e a arbitrariedade artificial da linguagem, o menosprezo pelo senso comum ou pelo discurso especializado, e a confiança ingênua no ordinário ou no formalizado são três tipos de atitudes que podemos apontar com Whitehead que devemos evitar. Nada pode arbitrariamente ficar de fora da metafísica, em especial a prática. “A metafísica não é outra coisa

³⁸ Whitehead por um momento parece acreditar que talvez seja possível algo do tipo “uma linguagem precisa deve esperar por um conhecimento metafísico completo” (Whitehead, 1978, p. 12). No entanto, este parece ser um ideal regulativo da metafísica, num sentido ironicamente kantiano, pois a todo momento Whitehead reafirma a incompletude e indeterminação da linguagem, e da futilidade de se pensar que chegamos na resposta ‘final’. O próprio ‘final’ deixa de ser possível, e o “mundo” em geral pode ser visto como uma sucessão de épocas cósmicas que compõem o contínuo extenso interminavelmente novo.

senão a descrição de generalidades que se aplicam a todos os detalhes da prática” (Whitehead, 1978, p. 13). No entanto, ele não exige que ela explique tudo, uma vez que nada, nem mesmo a linguagem, explica tudo. “A posição da metafísica no desenvolvimento da cultura não pode ser entendida sem nos lembrar que nenhuma frase verbal é a expressão adequada de uma proposição” (*ibidem*).

§7 Objeções e Críticas às Objeções à Filosofia Especulativa.

Uma crítica comum que se faz a uma filosofia especulativa como a de Whitehead é ser demasiado ambiciosa. No entanto, não acreditamos ser este exatamente o caso. Vários sistemas metafísicos de antes e de agora acertaram em várias coisas, e erraram em outras, vários sendo abandonados ou conciliados com outras coisas. Cada evento novo na filosofia pode trazer ideias novas e contribuir com alguma coisa. Whitehead observa que a mesma acusação vale também para qualquer tipo de ciência: “não conservamos nem a física do século XVII nem a filosofia cartesiana daquela época, mas dentro de limites, ambos sistemas expressam verdades importantes” (1978, p. 14). A filosofia da ciência e a história das teorias científicas estão recheadas de exemplos. Ian Hacking cita os exemplos do flogisto e do calórico, substâncias que sabemos não existir, mas que inclusive eram empregadas com sucesso por grandes matemáticos como Pierre-Simon Laplace para explicar certos fenômenos³⁹. A não existência do calórico não “refuta” Laplace, nem mesmo invalida a inteireza da termodinâmica. Whitehead emprega um raciocínio muito semelhante, de que o que está em jogo para a metafísica e a filosofia especulativa não é exatamente o “aonde você quer chegar com isso”. Ao invés disso, “o teste apropriado não é o do fim, mas o do *progresso*” (Whitehead, *ibidem*, itálico meu).

Outra das objeções mais comuns é que a filosofia especulativa não lida com os simples fatos. Vimos que não é o caso em Whitehead, que ele censura veementemente a filosofia do século XIX (e, sabemos agora, que várias outras também) que “se excluem da relevância dos teimosos fatos ordinários da vida quotidiana” (1978, p. xiii). Ademais, ele completa:

Infelizmente, para esta objeção, não existem matérias-de-fato brutas, autocontidas, capazes de serem entendidas separadamente da interpretação como um elemento em um sistema. Em qualquer situação que tentemos expressar a matéria da experiência imediata, nós encontramos que o seu entendimento nos leva para além dele mesmo, a seus contemporâneos, ao seu passado, ao seu futuro, e aos universais nos termos dos quais sua definitude é exibida (Whitehead, 1978, p. 14)

³⁹ Hacking, 1983, p. 86 e ss.

Embora depois de 1956 tal raciocínio possa ser identificado com a crítica ao 'mito do dado', promovida por Wilfrid Sellars⁴⁰, acreditamos que seu alvo imediato seja a herança que Whitehead havia ajudado a fundar. Epistemologias que trabalham com teorias da correspondência ou da verificação, como a de seu ex-discípulo Bertrand Russell, o positivismo e o empirismo lógico, se sustentam na atualidade vácuca de um "dado" isolado, bruto, que possa ser coletado por uma mente desinteressada. No trecho mencionado, no entanto, Whitehead comenta mais diretamente o trabalho de Francis Bacon (1561-1626), talvez por questões de uma elegância diplomática com seus contemporâneos. Não obstante, o argumento é o mesmo, fundado na crítica maior à noção de atualidade vácuca.

V – Um conceito de filosofia

Destas observações metafilosóficas, finalmente vamos abordar o conceito de filosofia de Whitehead e ensaiar uma possível adição. Ele chega num dos raciocínios que mais decididamente nos inspiraram a sugerir uma formulação sobre o que é a filosofia (ao lado da teoria das abstrações de Luhmann e da análise categorial de Hartmann). Faremos alguns enunciados a partir do *Processo e Realidade* para, em seguida, fazer alguns comentários.

Quando o pensamento entra em cena, ele encontra interpretações como matéria de prática. A filosofia não inicia as interpretações. Sua busca por um esquema racional é a busca por críticas mais adequadas e por justificações mais adequadas das interpretações que nós necessariamente empregamos. Nossa experiência habitual é um complexo de fracassos e sucessos na empreitada da interpretação (Whitehead, 1978, p. 14-5).

Chamaremos este primeiro trecho de **filosofia como interpretação de segunda ordem**.

Em seguida, afirma: "filosofia é a autocorreção da consciência de seu estado inicial de excesso de subjetividade" (1978, p. 15). Whitehead aponta como a consciência, um grau elevado de ênfase seletividade a seus próprios propósitos, acaba por esvanecer a atualidade do mundo, reduzindo demasiadamente a realidade. Assim, teremos que "a tarefa da filosofia é recuperar a totalidade obscurecida pela seleção. Ela substitui, na experiência racional, o que foi submergido na experiência sensível superior e que foi ainda mais afundado pelas operações iniciais da consciência ela mesma" (*ibidem*). Chamaremos este segundo trecho de **filosofia como correção de excessos da subjetividade**.

⁴⁰ Cf. *Empirismo e a Filosofia da Mente* (Sellars, 2008), originalmente apresentado como um curso especial na Universidade de Londres sob o título "O Mito do Dado: Três Conferências sobre o Empirismo e a Filosofia da Mente" em 1956.

Gostaria de comentar que a ideia de que as coisas já estão interpretadas por alguma entidade atual que seja (consciente ou não, humana, natural, artificial, o que for) é crucial para o conceito de filosofia que estamos ensaiando aqui. A filosofia não inventa a observação ou a interpretação – no nível ordinário, que podemos chamar de *primeira* ordem, seres conseguem observar uns aos outros e produzir interpretações, mudanças e sentires que guiam suas vidas entre a harmonia e o conflito. A filosofia só aparece quando conseguimos observar a observação de outros (ou, até mesmo, a de nós mesmos). Aqui fazemos recurso à obra de Niklas Luhmann, que ensina que observar a observação (observação de *segunda* ordem) pode auxiliar a vermos os pontos-cegos da observação de primeira ordem. Isso pode se dar, especialmente, na forma de que o mesmo evento poderá ser observado de uma forma diferente por outro observador.

Temos, assim, a especificidade de um mundo no qual toda observação pode se realizar de maneira contingente, dependendo das distinções que possam ser empregadas. Tudo o que se pode observar é artificial, ou relativo, ou histórico, ou plural. O mundo pode ser reconstruído, então, sob a modalidade da contingência e de outras possibilidades de ser observado. O conceito de contingência do mundo designa, portanto, o que é dado (experimentado, esperado, pensado, imaginado) à luz de um possível estado diferente; designa os objetos em um horizonte de mudanças possíveis. Não é a projeção pura (no sentido negativo), mas pressupõe o mundo dado; isto é, não designa o possível em si, mas aquilo que, visto a partir da realidade, pode ser de outra forma (Luhmann, 2010, p. 169).

A seleção empregada numa observação pode não se fazer presente em outra, apesar do evento ser o mesmo. Vemos claramente que em pensamentos como o de Whitehead e Luhmann, a contingência jamais se apresentou como um problema debilitante, como motivo para desistência, ou como desculpa para o dogmatismo. Não, a contingência é o dia-a-dia da filosofia do organismo e da teoria dos sistemas, e é isso que faz de suas contribuições serem tão fantásticas. Acrescento, ainda, o incansável espírito de Hartmann em também reforçar particularmente que até mesmo as categorias podem ser contingentes e cognitivamente incompletas, exemplificadas em seu projeto infundável de novas categorias e novos estratos da realidade. Somadas às influências importantes aqui mencionadas vinda dos gregos, Leibniz, Peirce, James e Bergson, gostaria de sintetizar os autores e teorias presentes neste parágrafo sob o nome generalizante de **realismo complexo**.

Justamente porque a filosofia desloca as observações de primeira ordem em direção a esta observação de observações, é que esta operação pode ser repetida por quaisquer perspectivas para suprir pontos-cegos, adicionar novas qualidades, perceber padrões de repetição de diferenças, ressaltar e delimitar os contrastes de um evento no ambiente. Esta observação de segunda ordem também auxilia na

contenção dos excessos da subjetividade – e mesmo da intersubjetividade. Apesar de soar estranho à primeira vista, o que queremos dizer é o seguinte: a observação luhmanniana e a interpretação whiteheadiana pode vir de quaisquer entidades atuais/sistemas, não necessariamente de humanos. E, uma vez que 1) a linguagem formal humana não é a única forma de acessar o modo de existência das proposições; e 2) qualquer entidade atual/sistema promove apreensões físicas e conceituais, temos que a subjetividade de um observador de primeira ordem quase sempre ofusca, reduz, mutila a experiência, principalmente a do outro que não é ele mesmo. A filosofia como redução dos excessos de subjetividade também é um compromisso ético, onde somos convidados ao voo especulativo para fora de nós mesmos, ainda que com coordenadas para um pouso mais à frente enquanto durar nosso combustível de generalização imaginativa. Esta correção parece ser o pressuposto básico para pensarmos uma ética coletiva – a contenção dos excessos da subjetividade se torna uma tarefa não apenas produtiva para a metafísica, mas se torna um compromisso civilizatório.

Inspirado por estas contribuições, propusemos um conceito para o que significa fazer filosofia. Acredito que a seguinte sugestão condensa diversas noções metafísicas aqui apresentadas, mas caberá ao leitor julgar:

Proponho que se pense a filosofia não como o exclusivo discurso especializado acerca da tradição greco-germânica cristianizada, mas como uma capacidade generalizada de reflexão acerca do pensamento. Numa caracterização bem primária, seres pensam acerca das coisas, e os seres que conseguem um caráter autorreflexivo deste pensamento, atingem um raciocínio que pode ser classificado como filosófico. Evolutivamente, a especialização comunicativa e a diferenciação funcional originaram outros sistemas, como a ciência ou o direito, mas em todos há uma verve filosófica de seus preceitos, princípios e metas, que interagem com novas formas de produzir técnicas ou alcançar objetivos diversos (MACIEL, 2017, p. 23)

VI – Conclusão: horizontes whiteheadianos

O tipo de filosofia que o realismo complexo engendra pode ser generalizado congruentemente para quaisquer áreas do pensamento. Áreas de aplicação não são apenas a metafísica, mas certamente também a epistemologia, a lógica, a ética, a política, a estética. Como se não bastasse, pelas entrâncias da filosofia especulativa não apenas na coerência e na lógica, mas também na aplicabilidade e na adaptação, podemos chegar nas ciências físicas, biológicas, sociologia, psicanálise, direito e até economia. O Panteão de autores do realismo complexo se dá para a experiência, para a sua reflexão, e para a criação de novas experiências. Gostaria de concluir com uma breve abordagem de alguns pensamentos engendrados a

partir da filosofia do processo de Whitehead para fazer jus à sua caracterização da especulação também como adequação e aplicabilidade.

O surgimento da filosofia do organismo de Whitehead trouxe para a filosofia do processo um renovado interesse nas inter-relações entre ecologia, economia, ética e metafísica. Com a concepção de natureza que pode ser remontada de eras pré-modernas até o antropoceno, a filosofia inovadora de Whitehead propõe que tudo o que existe tem uma perspectiva no mundo, seja humana ou natural ou artificial, e tem o direito de ser tratado como um centro de uma miríade de experiências próprias, ainda que com características imaginativamente generalizáveis. Alguns de seus conceitos podem ser aplicados a esses temas: processo das naturezas e ordens sociais para além do antropocentrismo, a experiência ontológica localizada de toda e qualquer entidade atual são alguns de seus enquadramentos conceituais que podem ser aplicados a essas temáticas.

John Cobb Jr. e seus trabalhos em ética ambiental se baseiam fortemente na filosofia do processo inspirada em Whitehead. Recentemente John Cobb e Andrew Schwartz organizaram um volume chamado *Putting Philosophy to Work: Toward an Ecological Civilization* (2018), no qual as relações entre ética ecológica e economia são exercitadas por muitos pensadores no mundo todo. Nomes como Arran Gare, Bill McKibben, Vandana Shiva, Wes Jackson e Sheri Liao estão próximos do programa de pesquisa “Civilização Ecológica” e trouxeram contribuições significativas para o campo. Os projetos dos Modos de Existência de Bruno Latour⁴¹ (ao lado de sua teoria do ator-rede) e a cosmopolítica de Isabelle Stengers⁴² também são formas de colocar a relação entre Whitehead, ecologia, economia e ética no centro da discussão filosófica contemporânea. Com tantas perspectivas, podemos levar a filosofia do processo em direção de uma civilização ecológica onde natureza e alteridade se tornam tópicos centrais ao lado da ética e da economia.

Além da relação entre economia e ecologia, várias descobertas de Whitehead também têm influenciado diversos estudiosos em outras teorias sobre humanidades e sobre ciências naturais. Destas, notavelmente, podemos citar os físicos quânticos teóricos David Bohm e Henry Stapp, o físico-químico Ilya Prigogine (que também trabalhou com Isabelle Stengers), o geneticista de biologia sistêmica Conrad Hal Waddington, os geneticistas de populações Charles Birch e Sewall Wright. Seus trabalhos em metafísica se aproximam da relatividade de Einstein, um tópico que tem sido explorado tanto teoricamente quanto empiricamente. Entre as humanidades, Whitehead é um personagem recorrente na sociologia e antropologia

⁴¹ Cf. Latour, 2013, 2012 e 1998, por exemplo.

⁴² Cf. Stengers, 2010

contemporâneas, em especial nos trabalhos de Gregory Bateson⁴³, Eduardo Viveiros de Castro⁴⁴, Talcott Parsons⁴⁵ e Niklas Luhmann⁴⁶.

Gostaria de finalizar nosso artigo ressaltando como o conceito de especulação de Whitehead é tão profícuo e interessante. Ele não acredita que especular é apenas devaneios despropositados, muito menos apenas um tipo de filosofia negativa. Autores do chamado realismo especulativo, especialmente Quentin Meillassoux e seus seguidores, acabam por ter uma relação um pouco frustrante com as outras áreas do saber, ao menos por enquanto. Meillassoux, ao reduzir a natureza aos caprichos do hipercaos, exalta a matemática pura como o único conhecimento que conseguiria dar conta da contingência, com um flagrante desprezo pelas ciências empíricas como meras reféns do que ele chamava "frequentalismo"⁴⁷. Já a ontologia orientada a objetos de Harman consegue ser mais interessante, estimulando interações com outras áreas, em especial as artes, e em particular com a arquitetura – mas ainda um pouco frustrante na conexão com as ciências naturais⁴⁸. Harman mesmo explora algumas conexões de sua ontologia com as filosofias do organismo em virtude de sua maior proximidade com Whitehead e Latour do que com os filósofos do devir⁴⁹. No entanto, a sua ontologia continua sendo majoritariamente negativa, no sentido de asserções acerca do que não podemos dizer sobre os objetos⁵⁰.

Vimos aqui que a filosofia especulativa de Whitehead é significativamente sofisticada e rica, acredito que até mais do que estas sugestões até agora. Isso não significa o descarte destas posturas, mas um reconhecimento de uma importante fonte filosófica consideravelmente mais complexa. Complexidade e contingência, nas diretrizes do realismo complexo, são o cotidiano, são o "com o quê" estamos acostumados a lidar. Acreditamos que o conceito de filosofia sugerido aqui a partir

⁴³ Cf. Bateson, 1987

⁴⁴ Cf. Viveiros de Castro, 2015

⁴⁵ A relação de Parsons com Whitehead não é tão textualmente explícita, mas tem sido explorada por alguns autores. Cf. Fararo, 1976

⁴⁶ Luhmann não tinha o hábito de citar filósofos de forma positiva – geralmente o fazia para criticar. No entanto, sempre que menciona Whitehead e sua cosmologia, Luhmann faz notas elogiosas, em particular as teorias sobre a temporalização da estrutura e do evento. Cf. Luhmann, 2016, capítulos 1, 8 e 11.

⁴⁷ Cf. Meillassoux, 2008, especialmente capítulos 3 e 4. Para minhas observações, cf. Maciel, 2017, especialmente o capítulo 3, seção C

⁴⁸ Já acerca da conexão de Harman com a teoria social, o que temos é relativamente recente e extremamente interessante. Em seu livro de 2016, chamado *Imaterialism*, ele apresenta diversas teses para analisar a Companhia das Índias Orientais que se conectam com diversos elementos da filosofia de Whitehead. Para mais informações, cf. Maciel, 2019

⁴⁹ Cf. Harman, 2014. Ele nomeia Whitehead e Latour de "Escola X", a sua própria ontologia de "Escola Z", e coloca, as vezes um pouco indiscriminadamente, diversos pensadores na tal "Escola Y": Bergson, James, Deleuze, Simondon, Stengers, Souriau, Shaviro, etc. No entanto, ele observa que X e Z são muito mais próximos, embora também comete alguns exageros em relação a Whitehead. Já eu propus que X e Z são ambos coletáveis na "Escola S", depois de revisitar este artigo de Harman e adicionar novos elementos. Cf. Maciel, 2019

⁵⁰ Harman afirma que mesmo entre a chamada teologia negativa, por exemplo de Nicolau de Cusa, não tem resultados apenas negativos. Ele até mesmo cita Pseudo-Dionísio Aeropagita para mostrar que o negativo não necessariamente só produzirá negatividade. Cf. Harman, 2016, p. 30

da filosofia do organismo pode aumentar decididamente o escopo e o sucesso deste tipo de filosofia que se mostra cada vez mais como uma poderosa alternativa para o século XXI. Vemos o realismo especulativo do século XXI como aliado constitutivo do realismo complexo, no qual a especulação ganha tons e diretrizes muito além da negatividade, incorporando elementos não apenas de lógica e matemática, mas também de coerência, adequação e aplicabilidade numa vocação transdisciplinar resoluto. Uma filosofia assim sai da caverna e se acopla definitivamente ao mundo, o influenciando e deixando-se influenciar por ele.

Gostaria de concluir com uma citação final do primeiro capítulo do *Processo e Realidade*:

A função útil da filosofia é promover a mais geral sistematização do pensamento civilizado. Há uma constante reação entre a especialização e o senso comum. É papel das ciências especiais modificar o senso comum. A filosofia é fundir a imaginação e o senso comum numa contenção sobre os especialistas, e também alargar suas imaginações. Ao prover as noções genéricas, a filosofia deve tornar mais fácil de se conceber a infinidade de variedade de instâncias específicas que repousam desapercibidas no ventre da natureza (1978, p. 17).

Referências Bibliográficas

BAR-ON, A. Zvie. *The Categories and the Principle of Coherence – Whitehead's Theory of Categories in Historical Perspective*. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987

BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution and Epistemology*. Northvale, NJ: Jason Aronson Inc., 1987

BENSUSAN, Hilan; FREITAS, Jadson Alves de. *A Diáspora da Agência – Ensaio sobre o Horizonte das Monadologias*. Salvador: Edufba, 2018

COBB, Jr., John B. & SCHWARTZ, Andrew (eds.). *Putting Philosophy to Work: Toward an Ecological Civilization*. Claremont: Process Century Press, 2018

FARARO, Thomas J. "On the foundations of the Theory of Action in Whitehead and Parsons" in. LOUBSER, Jan (ed.), *Explorations in General Theory in Social Science*. New York: The Free Press, 1976

GABRIEL, Markus. *O Sentido da Existência: Para um Novo Realismo Ontológico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016

GILSON, Étienne. *René Descartes. Discours de la méthode, texte et commentaire*. Paris : Vrin, 1925

HACKING, Ian. *Representing and Intervening*. Cambridge: University Press, 1983

HARMAN, Graham. *Immaterialism*. Malden, MA: Polity Press, 2016

HARMAN, Graham. 'Whitehead and Schools X, Y, and Z' in. *The Lure of Whitehead*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014

HARTMANN, Nicolai. *Neue Wege der Ontologie*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1949

- JAMES, William. *Some Problems of Philosophy: A Beginning of an Introduction to Philosophy*. New York: Longman, Green, and Co., 1916
- LATOUR, Bruno. *An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador, Bauru: EUFBA & EDUSC, 2012
- LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000
- LOWE, Victor. *Alfred North Whitehead: The Man and his Works*. Vols. I & II. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1985/1990
- LUHMANN, Niklas. *Sistemas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016
- LUHMANN, Niklas. *Die Wissenschaft der Gesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1992
- LUHMANN, Niklas; NAFARRATE, Javier Torres (org.). *Introdução à Teoria dos Sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
- MACIEL, Otávio S.R.D. "A Case for the Primacy of the Ontological Principle" *Open Philosophy*, 2.1 (2019): 324-346. Retrieved 27 Sep. 2019, from doi:10.1515/opphil-2019-0025
- MACIEL, Otávio S.R.D. *Correlacionismo Revisitado: Uma Leitura Heterodoxa a partir de Quentin Meillassoux*. Apresentação feita no XVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), publicado no Academia.edu. Vitória, 2018
- MACIEL, Otávio S.R.D. *Meta-metafísica e correlacionismo: Desafios e Direções para uma Filosofia no Século XXI*. Dissertação (Dissertação em filosofia) – UnB. Brasília, 2017
- MEILLASSOUX, Quentin. *After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency*. London: Continuum, 2008
- MILL, John Stuart. *A System of Logic*. Vol.2. London: Longmans, Green, Reader and Dyer, 1868
- McTAGGART, John M. E. "The Unreality of Time", *Mind* 17, pp. 457–474.
- NUBIOLA, Jaime. 'Peirce and Whitehead' in. WEBER, M. (ed.), *Handbook of Whiteheadian Process Thought*. Frankfurt: Ontos Verlag, 2008
- SELLARS, Wilfrid. *Empirismo e Filosofia da Mente*. Petrópolis: Vozes, 2008
- STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitics*. 2 volumes. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010
- TAYLOR, Alfred Edward. *A Commentary on Plato's Timaeus*. Oxford: Clarendon Press, 1928
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015
- WHITEHEAD, Alfred N. *Processo e Realidade – Ensaio de Cosmologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010
- WHITEHEAD, Alfred N. *A Ciência e o Mundo Moderno*. São Paulo: Paulus, 2006
- WHITEHEAD, Alfred N. *O Conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994

WHITEHEAD, Alfred N. *Process and Reality – An Essay in Cosmology*. New York: The Free Press, 1978

WHITEHEAD, Alfred N. *Essays in Science and Philosophy*. New York: Philosophical Library, 1974

WHITEHEAD, Alfred N. *Modes of Thought*. New York: The Free press, 1966

WHITEHEAD, Alfred N. *Adventures of Ideas*. New York: The Free press, 1961

WHITEHEAD, Alfred N. *Axioms of Descriptive Geometry*. Cambridge: University Press, 1907

WHITEHEAD, Alfred N. *A Treatise on Universal Algebra*. Cambridge: University Press, 1898

Recebido em: 05/10/2019

Aceito em: 24/02/2020